

Cidade para inglês ver: discursos legitimadores para ações de embelezamento urbano em Curitiba-PR

*Bianca Paola Comin*¹

DOI 10.20396/eha.vi14.3473

Diga-me o que vês e te direi quem és

A cidade para quem passa sem entrar nela é uma, e outra para quem é tomado por ela e já não sai; uma é a cidade a que se chega pela primeira vez, e outra a que se deixa para nunca mais voltar; cada uma delas merece um nome diferente; talvez de Irene eu já tenha falado sob outros nomes; talvez não tenha falado senão de Irene².

O relato de Marco Polo a Kublai Khan em Calvino (2003) deixa evidente o fato de que a percepção da cidade, de maneira geral, é obediente aos sentidos de quem a observa. Inúmeras são as variáveis que influenciam tal percepção: as impressões momentâneas, o arcabouço de experiências pessoais e o próprio estado de espírito do indivíduo, para citar algumas delas.³ A percepção das características do ambiente que se observa carrega consigo não apenas a mera listagem dos elementos que o compõem; ela também vem carregada de significações. Merleau-Ponty⁴ afirma que “a análise descobre, portanto, em cada qualidade, significações que a habitam” e a fenomenologia da percepção mostra que, ao perceber um objeto, estamos também dando significado a ele, com base no nosso repertório.

Assim, de acordo com a experiência que se vive na cidade, pode-se dizer que, dentro de cada observador, cria-se a imagem de um lugar único, particular para aquele que a vive. Por esse motivo, Marco Polo revela que Irene possui muitos nomes, de acordo com a experiência que cada um vivencia nela e em consonância com aquilo que cada um concebe dela. Aquele que é novo na cidade não a vê – e, mesmo, não a conhece – da mesma maneira que aquele que dela se despede. Pode-se dizer inclusive que, para uma mesma cidade, existe uma pluralidade de significações a seu respeito

1 Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

2 CALVINO, Ítalo. Cidades invisíveis. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha de S. Paulo, 2003.

3 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

4 MERLEAU-PONTY, op.cit. p. 25

tantas quantas são as pessoas capazes de a perceber – e, por isso, uma pluralidade de nomes. Nesse sentido, ao falarmos de uma cidade, estamos falando não necessariamente dela, mas da percepção que cada um tem sobre ela. Falar de uma cidade é, muitas vezes, falar de si mesmo.

Dentro dessa perspectiva, o que se propõe aqui são algumas reflexões acerca de uma cidade que, como muitas outras, possui uma multiplicidade de formas de ser. Contudo, o mote destas análises atenta para o exercício de uma lógica um tanto quanto reversa àquela comentada anteriormente: ao invés de permitir a profusão de interpretações (e significações) a respeito daquilo que se observa, pontua-se uma prática que busca homogeneizar as percepções. Trata-se de uma tentativa de forçar uma produção de sentido em consonância com aquilo que a administração urbana pretende, como consequência da marketização urbana e do próprio urbanismo de princípios mercadológicos, ambos cunhados pelo capitalismo artista.⁵

Nesse horizonte, interessa mais à gestão urbana a imagem daquilo que se apresenta aos olhos que a essência do *genius loci* em questão; interessa mais parecer do que ser; mais a imagem global que a local. Por esse motivo, trata-se aqui, especificamente, de algumas ações pontuais de embelezamento urbano que têm sido parte da história de Curitiba e como essas práticas vêm embasando a construção retórica que pousa sobre a capital paranaense.

Quem conta um conto, aumenta um ponto

A origem de Curitiba data da segunda metade do século XVII⁶, contudo, a Curitiba que é objeto das nossas reflexões nasce, a bem da verdade, nos anos 60. É com o plano de urbanismo conhecido como Wilhelm-IPPUC⁷ que a cidade passou a inovar em termos de desenho urbano. Nascia um projeto de cidade cujo crescimento deveria ser orientado por eixos lineares, o qual diferia por completo do plano inicial proposto por Agache⁸, até então em vigor.

Destaca-se ainda que, mesmo diante do fervor modernista que abraçava o Brasil nos anos citados, o Plano Wilhelm-IPPUC congelou parte dos preceitos da Carta de Atenas e favoreceu a con-

5 LIPOVETSKY; SERROY, 2015.

6 PINTO, Rui Cavallin. Curitiba: 1668,1693 ou outra data?. Ministério Público do Paraná, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.memorial.mppr.mp.br/pagina-39.html>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.

7 Conhecido também como Plano de Curitiba, a proposição deste plano para a cidade deve ser concebida como um processo coletivamente construído (VIANNA, 2017). Foi idealizado pelo arquiteto Jorge Wilhelm juntamente com a equipe do recém-criado IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), por isso carrega ambos os nomes.

8 Semelhantemente ao plano proposto para o Rio de Janeiro, o plano de Agache para Curitiba previa o crescimento da cidade de forma concêntrica, segundo vias radiais, influenciado pelo plano de Haussmann para Paris.

cepção de uma cidade cujas funções urbanas estão integradas.⁹ Além disso, a forma urbana passou a ser ditada de maneira a estabelecer eixos de adensamento populacional nas proximidades das vias de circulação do transporte público coletivo expresso e, a partir destes, vê-se uma redução gradativa do gabarito das edificações na medida em que deles se afasta. Assim, apesar do quê modernista que coloca o transporte como propulsor do desenvolvimento urbano, Curitiba passou a ser desenhada levando-se em consideração a escala humana e segundo o que se denominou como sistema trinário de transporte¹⁰, no qual a hierarquia do gabarito vertical corresponde também a uma hierarquização do sistema viário.

Vale ressaltar que a execução do sistema trinário não constava no Plano Wilhelm-IPPUC. Segundo Santos¹¹, ela foi uma alternativa encontrada pela equipe do então prefeito, o arquiteto Jaime Lerner¹², para coadunar o interesse urbanístico e as reais possibilidades de intervenção em termos imobiliários. Em anos de ditadura militar, Jaime Lerner, ao assumir a prefeitura em 1971 (até 1975), aplicou certas soluções urbanísticas de maneira tecnocrática, ainda que estas, de certa forma, estivessem em consonância com o plano urbanístico vigente.

Esse tipo de postura e solução postas em prática em um período em que as cidades careciam de diretrizes norteadoras de desenvolvimento – e que, por esse motivo, foram interpretadas como “necessárias a um bem maior” – conferiu à gestão urbana de Curitiba, desde então, a retórica de que suas ações sobre o ambiente urbano são imparciais e justas.¹³ Criou-se o mito de uma administração competente e que sabe o que faz, dando permissão para a efetivação de práticas autoritárias sob o título de técnicas. Juntamente, criou-se a alegoria da cidade modelo e o início de uma construção retórica positiva a respeito das soluções urbanísticas adotadas pela administração curitibana.

A efetivação do sistema trinário e do adensamento vertical gradativo conforme havia sido proposto pelo Plano Wilhelm-IPPUC, estão relacionados à permanência de Jaime Lerner¹⁴ à frente da prefeitura de Curitiba nos períodos de 1979 a 1983 e, posteriormente, de 1989 a 1992¹⁵. Vale res-

9 VIANNA, 2017.

10 Posteriormente, tal sistema veio a ser batizado de BRT (*Bus Rapid Transit*).

11 SANTOS, João Cândido Martins de Oliveira. Plano Wilhelm-IPPUC: conflitos e soluções para a Curitiba de 1966 – Parte II. Câmara Municipal de Curitiba, 2015. Disponível em: <https://www.cmc.pr.gov.br/ass_det.php?not=25692#&panel1-1>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.

12 Nota importante é a de que Jaime Lerner teve contato com um grupo de arquitetos integrantes do Team 10, o qual tinha o propósito de revisar criticamente as proposições ditadas pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) no contexto do pós-guerra (ENCICLOPÉDIA, 2019). Foi também o responsável pela fundação do já mencionado IPPUC.

13 FARACO, José Luiz; RAZANTE, Nestor; ROSSETTO, Denise J. O Plano Diretor e a cidade sustentável. Anais do IV Encontro Latino-americano sobre edificações e comunidades sustentáveis. Campo Grande, 2007.

14 SOUSA, Thais Figueiredo de. Curitiba e o mito da “cidade modelo”. 2012. Trabalho acadêmico (Especialização em Sociologia Política) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

15 Ressalta-se ainda que, para além do âmbito municipal, a popularidade de Jaime Lerner rendeu a ele o cargo de governador do estado do Paraná no período de 1995 a 2003.

saltar que nesse último período, dada a já consolidada estrutura da cidade, viu-se a proliferação de ações que denominamos aqui como sendo de embelezamento urbano, as quais correspondem à aplicação dos conceitos de city marketing e acupuntura urbana, segundo a lógica do capitalismo artista.¹⁶

Embora o início dos anos 90 ainda não caracteriza o modelo de urbanismo vigente como um padrão que se harmoniza perversamente com a lógica do capital, a queda do muro de Berlim, em 1989, pôs fim a uma disputa de ideologias e fortaleceu a transfiguração do capitalismo em todas as esferas sobre as quais ele foi capaz de se impor. Assim sendo, iniciou-se, ainda que de maneira tímida, a disputa das cidades pela atração de investimentos a nível global; aos poucos, a absorção dos princípios mercadológicos pelas gestões urbanas se viu travestida por ações de melhoramento do ambiente, como as chamadas revitalizações¹⁷. Tem-se, então, uma das características das cidades hipermodernas¹⁸: a proliferação de um modelo que agrada aos olhos e mascara os problemas urbanos para alçar a competitividade das cidades-mercadoria por investimentos. Ademais, assim como um produto exposto numa prateleira, a cidade precisa ter uma marca que garanta sua venda.

Curitiba, não obstante, foi vanguarda brasileira nesse processo. Suas marcas principais dizem respeito, especialmente, à construção de símbolos urbanos, os quais garantiram a sua identidade nos anos subsequentes. Citam-se aqui a estação-tubo (Figura 1) e a criação de parques com obras arquitetônicas icônicas, como o Jardim Botânico (Figura 2) e a Ópera de Arame (Figura 3), todos datados, não por acaso, da terceira gestão municipal de Lerner. Eles são também exemplares do conceito que o próprio arquiteto defende como sendo a acupuntura urbana¹⁹. Além disso, como forma de acompanhar as intervenções físicas sobre os espaços, criam-se discursos que se pretendem hegemônicos, numa tentativa de consolidar, e mesmo aprovar, as ações cunhadas sobre o espaço urbano.

Vale lembrar ainda que os parques de Curitiba foram idealizados como soluções para conter as cheias e evitar que as áreas de alagamento se transpuseram para a região urbanizada. Contudo, o caráter “eco” que, além da função de contenção de água das chuvas, tem o intuito de proteger áreas degradadas nas proximidades de cursos hídricos que cortam a cidade, rendeu à Curitiba o

16 LIPOVETSKY; SERROY, 2015.

17 A crítica que se faz aqui não nega a necessidade de ações desse cunho com vistas ao melhoramento da qualidade ambiental e de vida de uma região. A crítica que permanece é aquela relacionada às práticas que se travestem de imparcialidade e de competência com a intenção de, na verdade, promover a cidade ao nível de produto em um mercado de disputas por ambientes seguros aos investimentos do capital global.

18 LIPOVETSKY; SERROY, 2015.

19 Defende-se a ideia de que ações pontuais no meio urbano são capazes de gerar um melhoramento global da sua qualidade ambiental (LERNER, 2005).



[Figura 1]
Estação-tubo. Fonte: Curitiba (2019)



[Figura 2]
Jardim Botânico de Curitiba.
Fonte: Curitiba (2018a)



[Figura 3]
Ópera de Arame.
Fonte: Curitiba (2012)



[Figura 4]
Parque Tanguá.
Fonte: Curitiba (2018b)

título de capital ecológica, ainda em meados dos anos 90. E isso ocorreu em um momento em que a preocupação com as questões ambientais estavam em voga, especialmente pela realização de conferências mundiais como a Rio-92; ou seja, via-se uma cidade cujos propósitos estavam “alinhados às tendências” globais.

Cidade modelo e capital ecológica: as ações da gestão da cidade sobre o espaço urbano viram-se pautadas em discursos que eram constantemente por ela reproduzidos, de maneira a penetrar o imaginário urbano e reforçar a fabricação de sentidos. Criou-se a imagem da cidade que se deseja produzir e divulgar – vitrine urbana –, a qual, não necessariamente, alinha-se com aquilo que se observa na prática. Além disso, reforça-se que esse discurso hegemônico, apesar de se pretender global e coletivo, pertence apenas às classes que podem usufruir de tais benesses, pois “[...] mesmo que os projetos sejam quase que de usufruto exclusivo das classes médias, as demais camadas também se sentem pertencentes a essa realidade, pois o pertencimento no plano imaginário também é um dos elementos do discurso dominante”²⁰.

A terceira gestão de Lerner é seguida pela primeira gestão do atual prefeito, Rafael Valdomiro Greca de Macedo²¹. Esse período é marcado ainda pela continuidade do legado de Jaime Lerner, com investimentos internacionais na área de transporte público e com a inserção de novos monumentos urbanos, como foi o caso do Parque Tanguá (Figura 4). Greca conduziu uma política urbana pautada na conservação dos espaços e na melhoria estética das edificações, a qual é fortemente presente em sua atual gestão.

Antes de refletir sobre as ações do atual mandato de Greca, vale mencionar a gestão do prefeito Cássio Taniguchi entre os anos de 1997 e 2004. Cássio também fazia parte do grupo de aliados de Lerner oriundos do IPPUC e, portanto, tem-se aqui também uma continuidade das práticas lernistas em seus dois mandatos. Considera-se um participante ativo das mudanças que fizeram de Curitiba uma cidade-referência.²² É de sua responsabilidade ainda a promoção da cidade sob o pseudônimo de capital social, pois coloca as práticas urbanísticas realizadas na cidade ao longo dos anos sob a égide daquilo que ele mesmo denomina como sendo “planejamento humano”.²³ Novamente, o discurso que se pretende coletivo, hegemônico, neutro e carregado de práticas para o bem

20 SOUSA, Thais Figueiredo de. **Curitiba e o mito da “cidade modelo”**. 2012. Trabalho acadêmico (Especialização em Sociologia Política) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

21 Prefeito de Curitiba entre os anos de 1993 a 1996 e 2017 a 2020 (CURITIBA, [s.d]). Esteve sempre cooperando com a equipe política de Lerner. Também, esteve à frente de órgãos de preservação do patrimônio e da memória (FGV, 2009).

22 TANIGUCHI, Cássio. Curitiba, capital social. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de out. de 2000. Opinião.

23 TANIGUCHI, op.cit, 2000.

comum mostra-se presente. Além da questão ecológica, a imagem de uma cidade humana, que valoriza a qualidade de vida dos seus habitantes e que está isenta dos problemas enfrentados pelos centros urbanos do subúrbio do capitalismo é aquela que se pretende vender.

A despeito das gestões posteriores, nosso último enfoque repousa sobre a atual gestão do prefeito Rafael Greca. É possível elencar diversas ações de autoria da prefeitura da cidade, desde 2017, que estão relacionadas, essencialmente, à imagem da cidade; e não apenas no que se refere à melhoria do seu aspecto visual, mas também à imagem global: aquela relacionada à sua propaganda. Nesse sentido, as reflexões dos próximos parágrafos relacionam-se ao programa Rosto da Cidade, proposto e colocado em prática pela atual gestão.

O programa Rosto da Cidade tem o objetivo de realizar a revitalização urbana do Centro Histórico de Curitiba, no sentido de recuperá-lo e preservá-lo (CURITIBA, [s.d.]b). Contudo, a própria descrição do programa revela que “será realizada a limpeza de pichações e a execução de nova pintura com aplicação de resina especial que facilita a manutenção dos imóveis inseridos no programa”²⁴, deixando claro que a “preservação” e a “recuperação” citadas dizem respeito às fachadas das edificações, e não necessariamente ao seu estado global. Sendo assim, o sentido de restauro do imóvel trabalhado pelo programa é o de recuperar o aspecto visual do mesmo, pois o foco principal é a retirada das pichações que, socialmente, são tomadas como símbolos antiestéticos do urbano. Contudo, em outro momento, afirma-se que “o projeto envolve uma série de intervenções que vão desde a prospecção de propriedades e o estudo de incentivos para a sua recuperação e utilização para o benefício da cidade”²⁵, não deixando claro quais são as ações de recuperação que o programa pretende adotar.

É possível afirmar que a realização de tal programa recebeu grande influência da própria experiência do prefeito Greca nas questões relacionadas à memória e ao patrimônio (CURITIBA, [s.d.] b.). Para o âmbito destas reflexões, não se discute a necessidade de zelar pela história da cidade, contada pela arquitetura urbana; aquilo que se coloca como questão é: em qual sentido as intervenções que estão sendo denominadas como “recuperação” e “preservação” do patrimônio estão realmente recuperando e preservando o imóvel considerado? Ao recuperar o rosto da cidade, estamos nos lembrando de também manter vivo o sistema como um todo? Vale lembrar que “cada edifício ou cada parte de um edifício devem ser restaurados no estilo que lhes pertence, não somente como

24 CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Rosto da Cidade**, [s.d.]b. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/rostodacidade>>. Acesso em: 22 de dez. de 2019.

25 ARQUIVO. **Rosto da Cidade**, [s.d]. Disponível em: <<https://www.arquivoarquitetura.com/rostodacidade>>. Acesso em: 22 de dez. de 2019.

aparência, mas como estrutura”²⁶ e, ao recuperar a estrutura, o aspecto visual também será beneficiado como consequência.

Essas questões evidenciam o caráter de embelezamento urbano das intervenções e a importância de se conservar o aspecto visual das edificações que compõem a cidade. Assim sendo, questiona-se a quem estas ações estão realmente beneficiando, e se esta é mais uma tentativa de alçar a imagem (ou um novo símbolo) da cidade como aquela que “protege e conserva a sua história”, junto das fadadas cidade modelo, capital ecológica, capital social e da, agora, cidade das ideias²⁷. Questiona-se se esta é uma tentativa de reinventar os discursos e agregar valor de venda a este curioso produto que, apesar de aparência é, sobretudo, essência. Questiona-se se esta é uma tentativa de embalar o mesmo produto sob uma nova roupagem, investindo-se, para isso, no invólucro e nas campanhas de marketing a seu respeito.

O que os caminhos nos levam a crer?

O histórico apresentado nestas reflexões fornece um panorama sobre como a imagem e os discursos formados sobre a cidade de Curitiba têm base numa série de decisões tomadas pela gestão urbana do município desde meados dos anos 60. Ainda que outros grupos tenham também contribuído, à sua maneira, para a construção simbólica e imaginária da cidade, a sucessão de um grupo de gestores urbanos, embalados pelas ideais de Lerner, à frente da prefeitura, permitiu a continuidade de um projeto iniciado há tempos. Esse projeto, fortemente cunhado em intervenções de cunho simbólico, ainda que funcionais, forneceu à cidade uma diversidade de títulos e discursos, os quais intentam ser renovados – e revitalizados, se é que aqui o termo cabe – a cada gestão.

Assim, seja pela inserção de signos icônicos no espaço ou pelas ações de embelezamento, o que se vê como consequência é a proliferação de discursos que, muitas vezes impostos, buscam marketizar a cidade; aquela mesma que pretende, em seu prefácio, ser resultado do coletivo. Pautando-se nos princípios de democratização do espaço urbano, compreende-se que esse tipo de ação fere a pluralidade do ambiente citadino e passar a interferir nele sem necessariamente considerar as múltiplas percepções daqueles que o vivem. Fala-se de Irene, e fala-se muito; contudo, fala-se apenas daquela Irene que é interessante aos olhos de quem a quer comprar.

26 KÜHL, Beatriz. *Restauração: Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 29.

27 Trata-se de um novo codinome para a capital paranaense, cuja justificativa encontra-se em outra iniciativa da prefeitura: a criação do Vale do Pinhão, o qual se constitui como um movimento para promover ações de cidades inteligentes.

Referências Bibliográficas

- ARQUIVO. **Rosto da Cidade**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.arquivoarquitetura.com/rostodacidade>>. Acesso em: 22 de dez. de 2019.
- CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha de S. Paulo, 2003.
- CURITIBA, Prefeitura Municipal de. **Estação-tubo Comendador Fontana é reaberta**, 2019. Notícias. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/estacao-tubo-comendador-fontana-e-reaberta/51310>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- _____. **Jardim Botânico e Parque Tanguá terão bistrô e loja #CuritibaSuaLinda**, 2018a. Notícias. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/jardim-botanico-e-parque-tangua-terao-bistro-e-loja-curitibasualinda/47729>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- _____. **Ópera de Arame é uma das sete maravilhas do país**, 2012. Notícias. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/opera-de-arama-e-uma-das-sete-maravilhas-do-pais/25691>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- _____. **Parque Tanguá recebe passeio motociclístico e mobilização feminina**, 2018b. Notícias. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/parque-tangua-recebe-passeio-motociclistico-e-mobilizacao-feminina/47756>>. Acesso em 20 de dez. de 2019.
- _____. **Relação dos prefeitos de Curitiba**, [s.d.]a. Sobre Curitiba. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/relacao-dos-prefeitos-de-curitiba/4>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- _____. **Rosto da Cidade**, [s.d.]b. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/rostodacidade>>. Acesso em: 22 de dez. de 2019.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Jaime Lerner**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa260293/jaime-lerner>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- FGV, Fundação Getúlio Vargas. **GRECA, Rafael**. Pesquisa de verbete biográfico. Disponível em: <<http://fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbe-biografico/greca-rafael>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- FARACO, José Luiz; RAZANTE, Nestor; ROSSETTO, Denise J. **O Plano Diretor e a cidade sustentável**. Anais do IV Encontro Latino-americano sobre edificações e comunidades sustentáveis. Campo Grande, 2007.
- KÜHL, Beatriz. **Restauração**: Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 29.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PINTO, Rui Cavallin. Curitiba: 1668,1693 ou outra data?. **Ministério Público do Paraná**, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.memorial.mppr.mp.br/pagina-39.html>>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- SANTOS, João Cândido Martins de Oliveira. Plano Wilhelm-IPPUC: conflitos e soluções para a Curitiba de 1966 – Parte II. **Câmara Municipal de Curitiba**, 2015. Disponível em: <https://www.cmc.pr.gov.br/ass_det.php?not=25692#&panel1-1>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.
- SOUSA, Thais Figueiredo de. **Curitiba e o mito da “cidade modelo”**. 2012. Trabalho acadêmico (Especialização em Sociologia Política) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- TANIGUCHI, Cássio. Curitiba, capital social. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de out. de 2000. Opinião.
- VIANNA, Fabiano Borba. **O plano de Curitiba 1965-1975: desdobramento de outro moderno brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.